

Joana de Jesus. *Livro da Madre Soror Joana de Jesus para seus apontamentos*. Ordem de Cister, Mosteiro do Lorvão, 1691, livro n. 360. Arquivo Nacional da Torre do Tombo [ANTT], Lisboa.

Transcrição: Lia Nunes, Ph.D. (financiamento U. Groningen)

Revisão: Joana Andrade

Atualização para o Português: Maria Pinho

Edição: Joana Serrado

I

1. Hoje o primeiro dia do ano da era de 661 começo a escrever este livro.
2. Por me ajustar com as leis da obediência que ordenam *que* me ocupe em escrever o processo da minha vida, trato de obedecer a quem me manda e, para que tudo o que eu disser seja para honra e glória de nosso Deus e proveito das almas, invoco o dulcíssimo nome de Jesus, em cujo dia dou princípio a esta obra, tomando por intercessora a Virgem Maria Senhora Nossa, a quem remeto todas as minhas obras e acções.
3. Admirável se mostrou o nosso poderoso Deus em criar os céus ornados de tantos e tão fermosos planetas, os quais servem para realçar a sua fermosura. E eles, como agradecidos a este benefício, estão engrandecendo a glória e majestade do mesmo Deus.
4. Não menos admirável se mostrou este Senhor em criar o firmamento, o qual está anunciando o poder maravilhoso de Suas poderosas mãos, mas sendo tão dilatada a fábrica da terra, e tantas e tão várias as cousas de que é ornada, por uma palavra pronunciada pela divina boca daquele Deus, foram em um instante criadas, e logo reconheceram todas o seu mesmo Criador, a cujos preceitos se mostraram tão obedientes que todas se conservam em aquele primeiro ser que Ele lhes deu.
5. E colocando este Senhor aos homens sobre todas elas, fazendo-os senhores absolutos das mesmas obras de Suas divinas mãos, foram tão ingratos a este benefício que por um vão e enganoso deleite se puseram em inimizade com seu criador, querendo mais os gostos falsos do mundo do que as preciosas iguarias da mesa e da casa de seu Pai.
6. Mas, se muitos corresponderam ingratos a tão grandes benefícios, não pôde haver algum por mais estragado que fosse que chegasse a cometer contra o seu criador as ofensas que eu cometi. Sendo a minha vida apregoada contra este Deus, foi Ele tão benigno que quis premiar ofensas com misericórdias e agora para se mostrar mais amante, permite que oculte eu as ofensas e que publique as misericórdias, as quais Ele permita que todos cantamos para sempre Ámen.

1. Entre as grandes mercês que o Senhor me fez, foi a primeira o permitir que eu nascesse de pais cristãos e mui vigilantes em observar seus divinos preceitos.
2. Tiveram quinze filhos, oito filhas e sete filhos, dos quais eu nasci a primeira de todos, sendo que em virtudes não fui a primeira porque de todos fui a mais ruim. Sete destes irmãos levou o Senhor para si, no ditoso estado de inocência mas já em idade em que sabiam amar e conhecer a Deus.
3. A todos meu pai ensinou a doutrina cristã, que é o berço da fé, e as primeiras plantas que se hão de plantar nas almas dos que começam a entrar no mar tempestuoso deste mundo. Depois ensinou-os o latim, o qual aproveitaram muito, tanto pela habilidade que tinham como por evitarem a ociosidade que é inimiga da alma e mãe de todos os vícios.
4. A todos estes filhos amava meu pai com incisivo amor e, merecendo eles ser amados por serem bons sujeitos, meu pai dizia-me que me amava mais a mim do que aos outros, mesmo sendo eu a que menos merecia. Ensinava-me a ler tão em o latim, e todos os dias rezava comigo o ofício de Nossa Senhora, de quem era particular devoto.
5. Ordenava que todos os dias pela manhã e pela noite nos recolhêssemos todos em casa do oratório, pelo que se fazia sinal com uma campainha. E ali rezávamos o rosário da Virgem Maria Senhora Nossa, considerando cada um daqueles divinos mistérios.
6. À noite, depois da ceia, fazia uma prática a filhos e a criados [fol. 2] em que lhes ensinava todas as verdades de nossa santa fé católica, e nos lembrava que havia céu e inferno para sempre. Dizia que os primeiros morgados que os pais haviam de adquirir para os seus filhos havia de ser o ensinar-lhes amar e a temer a Deus, pois tendo por certa esta verdade lhes não faltaria pão.
7. Com esta doutrina de meu pai e mãe - que igualmente o imitava - crescia em todos grandes desejos de servir a este Senhor e a sua Santíssima Mãe. A todos meu pai dizia que criava para serem escravos desta Senhora. E a mim sempre me criou para freira e dizia-me muitas vezes que não tinha ânimo para me entregar senão a Deus.
8. E assim não queria que eu trouxesse outra gala mais que um hábito honesto e que em tudo parecesse religiosa. Mas como naquela idade o mundo faz a todos guerra, este não deixava de me dar assaltos fazendo-me ofertas com os seus falsos gostos e deleites. *Desta forma* não deixava de dar entrada a alguns pensamentos de vaidade, *revelando* desejos de agradar o mundo.
9. Com estes divertimentos passei aqueles primeiros anos de meninice, *embora nunca tivesse* deixado de rezar o rosário de Nossa Senhoras e as suas horas e versos com meu pai, cuja vida e cujos conselhos que perpetuamente me dava, estavam repreendendo meus descuidos e me faziam compor as minhas faltas.

10. Tendo passado alguns anos com esta guerra que o mundo me fazia, caindo e levantando mas sem nunca acabar de advertir as contínuas inspirações com que o Senhor me chamava, deu-me meu pai um livro que se intitulava «Tratado dela Casa Interior de Anima».
11. Comecei a lê-lo e a gostar da sua doutrina e *dos seus* santos conselhos, *dos* quais, ajudada *pela* graça divina, me fui aproveitando. Comecei, *assim*, a aborrecer o mundo e seus enganosos gostos e deleites, crescendo em *meu interior* grandes desejos [fol. 2v] de lançar *para fora* de mim tudo aquilo que podia ser impedimento para *a* minha salvação.
12. Perpetuamente me ocupava *com a* lição de livros espirituais e fazia muito por aproveitar o que eles diziam. Recolhia-me na casa do oratório todas as horas que tinha de tempo vago em que não fosse sentida.
13. Tinha particular devoção *pelo* rosário da Virgem Maria Senhora Nossa e, logo depois de fazer o ato de contrição e de examinar a consciência, começava a considerar aquele altíssimo mistério da encarnação do filho de Deus nas suas puríssimas entranhas. Assim, este mistério *bem* como todos os *demais* da vida de nosso Salvador, se me representavam na alma *tão vivamente* que me não ficava livre potência alguma para se ocupar de outra coisa.
14. Ali achava o entendimento *com* tanto de que se admirar que *este* se perdia de si. E como estava unido *à* vontade, todos os pensamentos paravam e ficava a alma gozando daquele sossego e *daquela* paz interior, sem *que Ihe* pudesse apetecer outra coisa mais *do* que aquele bem em que achava juntos todos os bens.
15. Não sabia que *o fazia* por um Senhor tão benigno que me tratava como a esposa, não merecendo eu o nome de escrava. Bem conhecia que eram grandes as mercês que recebia e, *à medida* que elas cresciam, cresciam também os desejos de *Ihes* corresponder, agradecida.
16. Mas como era tão grande *a* minha miséria não fazia coisa que fosse perfeita porque sempre vivia com faltas. Mas parece que este piedoso Senhor se pagava deste nada que eu fazia, e como sabia que eu não tinha valor para perseverar no bem começado, sempre me estava despertando com auxílios que me *presenteava ao servi-lo*.
17. Tinha grandes desejos de [fol. 3] fazer penitências e, ajudada do Senhor, fazia algumas que excediam as forças que tinha naquela idade. No comer era moderada e quando no *dia-a-dia* via comer os outros irmãos algumas frutas e outras cousas que havia em casa, recolhia-me no interior e, ali na presença de Deus, achava o gosto das mais saborosas iguarias que o mundo me podia oferecer. Ao jantar, enquanto comia considerava no vinagre o fel que nosso redentor bebeu na cruz; e à ceia considerava aquela em que *o* Senhor ceou com seus sagrados discípulos, obrando por nosso amor tantas finezas que chegou *mesmo* a esgotar *o* seu divino poder dando-se a si mesmo, não *podendo* mais *nada* dar.
18. Com estas e *com* outras considerações que o Senhor me ensinava passava o tempo recolhida no interior e, ainda que estivesse ocupada em cousas exteriores, nunca me divertia tanto que não estivesse a minha alma na presença deste Deus. E como sempre andava *neste* recolhimento até o tempo que tomava para dormir, estava nesta oração com tanta suavidade e paz como se estivesse acordada.
19. Davam-me muitas vezes uns grandes desejos de ver a Deus, com umas saudades tão enternecidas que me obrigavam a chorar muitas lágrimas, principalmente quando via que o

dia acabava *sem que* eu *tivesse acabado* de achar aquele a quem desejava a minha alma e que parecia [ter] comigo.

20. [fol. 3v] Não deixava de padecer aquela suave pena que *as* suas ausências me causavam. *Em* alguns dias padecia grandes securas e, como me via tão cheia de faltas e pecados, imaginava que por esta causa me deixava o Senhor. Assim tornava a mim acrescentando algumas penitências, com *as quais* em parte aliviava aquela pena que me causava a consideração de minhas culpas. *Culpas*, que eram, no meu entender, a causa de ver ausente meu Senhor, sem o qual não podia ter consolação alguma porque bem entendia que nele estavam todas as que podia desejar, e que tudo o mais era enganoso e falso.